



A “represidenta”

Quem abraça a palavra “presidenta”, mesmo que não queira, faz propaganda

EUGÊNIO BUCCI

02/09/2014 20h53 - Atualizado em 22/12/2014 20h57

>> *Coluna publicada na revista ÉPOCA de 18 de agosto*

Você, quando vai falar de Dilma Rousseff, diz que ela é “presidente” ou “presidenta”? Preste atenção. Se você pertence ao grupo linguístico dos que falam presidenta, realçando o “a” final, está praticamente declarando o seu voto. Manifesta seu apoio político ou, no mínimo, sua condescendência. Se você fala “presidente”, com um “e” mais discreto, dá sinal de que prefere guardar uma distância em relação às fileiras que aplaudem os comícios da, digamos, recandidata. Se fala “presidente”, pode até ser que também seja eleitor de Dilma, mas seu voto não é tão declarado.

É assim mesmo: o eleitorado brasileiro está dividido pela força dessas duas vogais. A letra “a”, essa miúda letrinha “a”, identifica os mais provavelmente a favor, enquanto a letra “e” denuncia os mais provavelmente contra, ou menos crentes. Há exceções, é claro. Mas as exceções, vamos deixar bem claro, são apenas isso: exceções.

A partidarização do alfabeto começou nos primeiros dias de 2011. De início, nem parecia uma partidarização tão ostensiva. Só o que houve foram discretas medidas administrativas, aparentemente burocráticas e inócuas. Logo que tomou posse do posto, lá se vão quase quatro anos, Dilma determinou que deveria ser chamada de “presidenta” nos ritos da administração pública federal. Era direito dela. Nada de errado com isso. A seu favor, é bom reconhecer desde já, a mandatária tinha o amparo paternal do dicionário, que registra devidamente a forma feminina do vocábulo. Foi assim que, no âmbito da gestão federal, Dilma passou a ser oficialmente a “presidenta”.

Ela não foi a primeira mulher a bater pé por essa vogal. Bem antes, numa entrevista que concedeu em 2008, Pilar del Rio, então mulher do escritor José Saramago, explicou por que fazia questão de ser tratada como “presidenta” da fundação que levava o nome de seu marido (a entrevista faz parte do ótimo documentário José e Pilar, de Miguel Gonçalves Mendes). Dilma não inventou nada, portanto; apenas seguiu os passos de Pilar.

Foi até aplaudida por isso. Havia um quê de “feminismo do bem” na sua defesa da letra “a”. Tanto era assim que muita gente que não integrava o funcionalismo público decidiu atendê-la, em sinal de boa vontade, apenas para agradar à nova chefe de governo. Não consta que

ela exija ser chamada de “chefa” de Estado ou de “chefa” de governo, embora o dicionário admita a variante. Tratava-se, afinal, de uma reivindicação legítima da nossa autoridade máxima. Ela tinha – e tem – todo o direito de escolher como preferir ser nominada.

Agora, porém, quando Dilma caminha para disputar a reeleição, as nuvens da cortesia e dos bons modos se dissipam. A inocência cai por terra. Vê-se, com total clareza, que a opção de dizer “presidenta” não se reduz a uma etiqueta inofensiva. Expressa, sim, um gesto político de apoio ao governo. Ninguém mais pode pronunciar “presidenta” impunemente. Todo aquele que diz “presidenta” é chamado a pagar um tributo eleitoral. Por menos que seja essa a intenção de quem fala, é isso que é. Quem abraça a palavra “presidenta”, mesmo que não queira, faz propaganda da recandidata.

Muitas vezes, ou mesmo sempre, a língua é política. Quem diz “Ilhas Malvinas” se declara a favor da soberania argentina sobre o arquipélago. Se diz “Falklands”, afirma que quem manda lá é a rainha da Inglaterra. Se você diz “Golpe de 64”, recrimina o ato dos militares que tomaram o poder naquele fatídico 31 de março. Se diz “Revolução de 64”, aplaude-os. Se alguém escreve que o MST “invade” terras, é contra os sem-terra. Se diz que o MST “ocupa” uma fazenda, apoia o movimento. Que ninguém se iluda. A língua, ela também, é terreno de batalha ideológica.

Foi isso que se deu com a palavra “presidenta”. Ela se tornou um índice da polarização ideológica que rasga o país de alto a baixo. A vogal “a” virou um indicador das clivagens do debate eleitoral. Agora, nesta semana, o horário eleitoral entrará em cartaz em todas as emissoras abertas de rádio e televisão do Brasil. Você verá – você ouvirá. A palavra “presidenta” atingirá o máximo de sua estridência. Sairá dos salamaleques e dos protocolos dos atos da administração pública e aterrissará com tudo no palanque eletrônico. Os apoiadores de Dilma encherão a boca para falar “presidenta”, enquanto os indiferentes, os adversários e os equidistantes se refugiarão no proverbial “presidente”, mais unissex.

E você? Fala “presidente” ou “presidenta”? Ou você fala “representanta”?